

ESPIRITUALIDADE CRISTÃ: FÉ E COTIDIANO SEM DUALISMO

BRUNO DA SILVEIRA ALBUQUERQUE

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

prof.bruno@faculdadevitoriaemcristo.edu.br

ISRAEL THIAGO TROTA

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

prof.israel@faculdadevitoriaemcristo.edu.br

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

prof.yohans@faculdadevitoriaemcristo.edu.br

ACYR DE GERONE JUNIOR

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

prof.acyr@faculdadevitoriaemcristo.edu.br



Resumo: Este artigo tem como objetivo elucidar brevemente algumas características da espiritualidade como dimensão da existência cristã, através de uma articulação antropológico-teológica integrada entre fé e cotidiano.

Palavras-chave: Espiritualidade; Fé Cristã; Espírito Santo.

Abstract: This article aims to briefly elucidate some characteristics of spirituality as a Christian existence's dimension, through an integrated anthropological-theological articulation between faith and everyday life.

Keywords: Spirituality; Christian Faith; Holy Spirit.



PREMISSA

A vida com Jesus Cristo não deveria opor o espírito e a matéria como diversas tradições teológicas fizeram ao longo da história cristã, tradições essas certamente influenciadas pelo dualismo, o qual possui matrizes platônicas. Em casos diversos, a tentação do monismo antropológico também aparece como desafio incipiente e aterrador das possibilidades legítimas de viver a fé cristã. Em contrapartida, a proposta da vivência humana em Cristo é de perspectiva integrada, integral, integradora, aberta à alteridade e à novidade do outro, o que só se realiza de forma concreta, gratuita e amorosa.

ENTRE O DUALISMO E O MONISMO

Devido ao problema do dualismo antropológico, diversas dimensões da vida são empobrecidas pelo menosprezo aos sentidos naturais e à existência concreta e corpórea. Fica desprestigiado, assim, o valor dos aspectos físicos e materiais da vida, sua corporeidade fica desmerecida. Então, quando se fala em “ser alguém espiritual” ou em “espiritualidade”, importa discernir se não há por trás desses termos uma compreensão equivocada da vida, em modo dualista e extremamente descaracterizado. Esse discernimento deve ser formulado a partir do que é proposto no Evangelho de Jesus.

Outro problema presente nas teologias cristãs é o monismo, que, embora não seja tão evidente nas Igrejas ocidentais quanto o dualismo, tem peso igualmente empobrecedor da visão cristã sobre a realidade. Enquanto o dualismo rivaliza e polariza de forma desajustada entre espírito e matéria, sagrado e profano, o eclesial e o social, não levando em conta a distinção, relação, interdependência e integração desses binômios, o monismo, por sua vez, enquanto esquema de pensamento, não concebe a distinção neles. Leva-se assim a uma confusão radical, ou mais precisamente, uma fusão que não distingue os locais, a pluralidade ou as diferenças entre as dimensões básicas da experiência humana.

Entende-se, por outro lado, que não somos todos iguais de fato, pois existem homens e mulheres, negros, brancos, etnias diversas, inúmeras orientações intelectuais, variadas classes sociais, processos de lutas por direitos, ligados ao campo da religião, da política, da economia, da cultura, cada esfera com suas particularidades e formas de relação com todas as outras esferas. Diante disso, o dualismo polariza e o monismo funde indistintamente os aspectos do real.



ESPIRITUALIDADE CRISTÃ INTEGRADA

Tendo em vista as dificuldades apresentadas no dualismo e no monismo, ou nas tentativas equivocadas de superação de tais problemas, é preciso perguntar pela ideia que temos de espiritualidade, cuja reflexão tem sido indicada pelo título deste artigo. Segundo escreveu o teólogo Ignacio Ellacuría (1999) para o Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo,

uma correta compreensão da espiritualidade deve evitar tanto perspectivas dualistas, quanto monistas e deve ser demarcada em perspectivas estruturais, mais ou menos dialéticas, de acordo com os casos, de modo que uma dimensão não seja o que é, mas sendo co-determinante da outra e co-determinada por ela (ELLACURÍA, 1999, p. 241).

Mais adiante, voltaremos a essa relação dialética citada pelo autor, a qual nos faria perceber uma “unidade diferenciada” dos aspectos de nossa vida, isto é, uma complexa e rica articulação entre a unidade e a multiplicidade inter-relacionada das dimensões de nossa existência concreta.

Assim sendo, propomos três reflexões básicas neste texto, que estão intimamente ligadas entre si. A primeira é uma visão da espiritualidade como força do Espírito Santo. A segunda é a espiritualidade que chamamos de encarnada. A terceira é a espiritualidade do seguimento de Jesus. Consideramos aqui que não se trata de três espiritualidades diferentes, mas de uma mesma e única espiritualidade cristã, explicada com três aspectos teológicos importantes que a fundamentam.

NA FORÇA DO ESPÍRITO

A teologia cristã busca compreender o primado do Espírito Santo na vida das pessoas que crêem em Jesus e o acolhem pela fé. Ninguém confessa Jesus como Senhor se não for pela ação do Espírito em sua vida (1Co 12,3). Um pressuposto importante dessa compreensão está contido no pensamento que reproduzimos a seguir:

A espiritualidade cristã é a presença real, consciente e, refletidamente, assumida, do Espírito Santo, do Espírito de Cristo na vida real das pessoas, das instituições que querem ser cristãs. São, então, espirituais, não os que fazem muitas práticas “espirituais”, mas os que, cheios do Espírito, alcançam seu ímpeto criador e renovador, sua recuperação do pecado e da morte, sua força de ressurreição e de mais



vida; os que alcançam a plenitude e a liberdade dos filhos de Deus, os que inspiram e iluminam os outros e os fazem viver mais plena e livremente (ELLACURÍA, 1999, p. 242).

Conforme lemos no parágrafo anterior, portanto, a espiritualidade é a vida em sua integridade, em busca pela coerência com a motivação gerada pelo Espírito de Cristo. Lembremos, nesse contexto, da proposta da Carta aos Gálatas, em que a tradição de Paulo apóstolo orientava sobre o fruto do Espírito e as obras da carne.

A oposição entre carne e Espírito não se trata necessariamente de polarização entre entidades ou substâncias antagônicas no sentido grego dualista. Carne e Espírito são modos de vida, isto é, experiências produzidas em contextos relacionais e concretos, neste caso, não são entidades que “baixam” de algum lugar celestial. Não se trata aqui de uma leitura ontológica, segundo a qual a matéria e a não-matéria seriam substâncias antagônicas.

O que se quer afirmar com isso refere-se a dois estilos, inclinações ou orientações de vida que são exercitados pelas pessoas no âmbito das Igrejas, e esses estilos são incompatíveis entre si, pois apenas um deles corresponde à proposta da fé cristã. A carne, no referido contexto bíblico, é o fechamento egocêntrico, que corresponde, segundo Barclay (1985, p. 24), à seguinte concepção: “a carne é a natureza humana conforme se tornou através do pecado”. A vida no Espírito, ao contrário, seria o exercício daquelas virtudes ou práticas que estão em conformidade com o Evangelho de Jesus Cristo.

De acordo com o texto bíblico de Gálatas 5,22, “o fruto do Espírito é amor...”. Todas as outras virtudes listadas na sequência do texto (alegria, paz, paciência, etc.) seriam notáveis consequências e desdobramentos do fruto singular e abrangente que é o amor posto em prática nas relações cotidianas. Isto é, a fé em Jesus Cristo se realiza e se expressa na vida do Espírito de Cristo, que proporciona um caminhar em sintonia com o estilo de vida do Nazareno. Os pensamentos, reflexões, crenças e, principalmente, as ações daqueles e daquelas que creem em Jesus assumem uma direção inexoravelmente alinhada com sua mensagem, embora sempre com a necessidade constante e incessante de aperfeiçoamento. Barclay (1985, p. 63) destaca que o agape como amor cristão “é uma vitória sobre o eu. A pura verdade é que este amor cristão é o fruto do Espírito; é algo totalmente impossível sem a dinâmica de Jesus Cristo”.

Creemos, por assim dizer, não em uma transformação mágica e instantânea, nem algo eventual, mas um processo vivo, dinâmico, saudável, humanizado e permanente, embora também seja complexo, tenso, desafiador, misterioso e acompanhado do sentimento do imprevisível e do doloroso por vezes, diante dos



momentos de incerteza. Encarar a vida como uma missão espiritual que compromete não para uma conquista desenfreada por domínio e poder, mas que, ao longo da vida, vai estabelecendo visões cada vez mais claras para o diálogo, o respeito, a solidariedade e a compaixão pelos outros, prioritariamente por aqueles e aquelas que sofrem no mundo. Com isso, vale lembrar o belo trecho de abertura de um conhecido documento pastoral do Concílio Vaticano II:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (CONCÍLIO, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n.1).

É ainda necessário acrescentar que a vida no Espírito é comparável em sua própria etimologia (hebraico *ruah*; grego *pneuma*) ao vento: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (João 3,8). No texto joanino, o vento em seu mistério indizível, sua força capaz de criar, movimentar ou destruir, além de sua imprevisibilidade, remete ao Espírito de Cristo, imaginado como potência inerente ao caminhar da fé.

O mesmo Espírito que atuou na geração do Filho (Mt 1,18), envolveu-O para a missão do Reino (Lc 4,1), realizando a Sua unção com um testemunho público (Lc 4,16-21). Moltmann (2009, p. 154) explica, nesse sentido, que Jesus “recebeu o Espírito para os doentes que curou, para os pecadores cujos pecados perdoou, para o povo pobre cuja comunhão procurou, para as discípulas e discípulos que chamou para lhe seguirem.” É a dimensão pneumática que faz ancorar o ministério de Jesus de Nazaré no horizonte do Reino, em virtude da humanidade. É nesse mesmo horizonte que se pode explicitar uma cristologia pneumatológica.

Na antiga tradição cristã oriental (Irineu de Lion), o Verbo e o Espírito eram retratados como as duas mãos do Pai. Por isso, para Víctor Codina (2010, p. 257), “sem a mão do Espírito, a missão do Filho pode ficar, com o tempo, deformada, convertida em Jesusologia, sem abrir-se ao mistério Trinitário”. É no Espírito de Cristo que a Igreja, de fato, assume sua existência trinitária, sua origem e sentido como vida espiritual. O êxtase (*ek-stasis*) da Igreja não se reduz a um instante de experiência carismática, mas, segundo Miranda (1991), é enriquecido como uma saída de si, um êxodo permanente em direção ao Pai e Sua promessa, sinalizando o mistério da salvação ao mundo.

O vento impetuoso, símbolo eminente do Espírito que atuava na grande liturgia da criação (Gn 1,2) e condutor da revelação de Jesus Cristo, é a antecipação da



palavra que estabelece e congrega o humano e o cosmo, poeticamente, em harmonia com seu único fundamento teológico (ALBUQUERQUE, 2019). Aquele trecho joanino, por sua vez, inserido no contexto catequético do diálogo com Nicodemos, expressa que a vida no Espírito é um desafio a ser abraçado diariamente, na abertura reverente ao chamado de Cristo e a uma espiritualidade “do Espírito” (com o perdão pela redundância proposital), e, além disso, a uma espiritualidade encarnada.

ESPIRITUALIDADE ENCARNADA

Eis a nossa segunda reflexão central. Propomos uma espiritualidade “encarnada”, conforme lemos em João 1,14: “A palavra se fez carne...”. A carne, nesse caso, tem sentido diferente do exposto acima. Aqui não se trata da tensão irreconciliável entre carne e Espírito, pois a carne, no sentido a ser proposto abaixo, tem mais relação com a integralidade das relações no contexto da corporeidade, da materialidade, em contraposição às visões dualistas e monistas. Carne em alguns contextos representa um modo de vida e de relação egoísta, fechado ao próximo e ao Senhor, enquanto em outros contextos, carne propõe algo sobre os aspectos concretos da existência, em sentidos positivos e abertos.

Não há espiritualidade verdadeiramente cristã que não tenha os pés no chão e o coração no céu, pois a oração de Jesus é: “... assim na terra como no céu”. Ter os pés no chão significa assumir integralmente a realidade concreta através das relações e experiências vividas, sentidas e articuladoras de sentido para os outros e com os outros, com todos os desafios nisso incluídos. Ao passo que o coração no céu é uma metáfora da nossa condição voltada para a transcendência, de uma posição existencial que não se satisfaz com as limitações impostas desde fora, pelas conjunturas sociais de classes, pelas fatalidades e tragédias, pelos absurdos e conflitos comuns em tantas esferas de relacionamento humano. E no contexto de um único corpo que é cada um de nós, os pés precisam do coração para a circulação do sangue, assim como uma pessoa deseja e precisa de seus pés para a sua locomoção, por mais saudáveis que sejam seus batimentos cardíacos.

Olhando para os salmos bíblicos, percebemos que essas orações cantadas constituem grande fonte para as espiritualidades judaicas e cristãs, e estimulam à vida e à força das relações humanas. Logo no primeiro salmo, por exemplo, o justo é comparado a uma árvore frutífera. A comparação com a árvore demonstra que há raízes fincadas no chão, neste chão, mas os nossos frutos elevam-se e deverão apontar a qualquer momento para o céu. Tendo em vista o comentário de Chouraqui (1997), a árvore do salmo é descrita realizando-se simbolicamente uma espécie de mediação



entre terra e céu, sendo uma figura da vocação de todas as pessoas e criaturas diante de Deus, e assim cada humano é convidado, como diria o teólogo ortodoxo Ioannis Zizioulas (2001), a ser um “sacerdote da criação”.

Vela-se e se des-vela, e, por fim, re-vela-se a presença do Senhor nas pequenas coisas, aquelas para que geralmente não damos tanta importância. Como o punhado de fermento na massa. Assim, voltamos à dialética. É a dialética da transcendência na imanência e da imanência na transcendência. Do estar sem estar, do ser visto pela ocultação, do revelatus no absconditus em cada situação da vida cotidiana, do dizer no não dizer. A espiritualidade é uma dialética, estabelecendo na história a síntese do céu na terra em forma de contemplação, decisão, transparência, visão; é a vida como tarefa e liberdade libertadora, e a relação vista como hospitalidade, missão, privilégio, responsabilidade e desafio diário.

Cristo encarnou a humanidade com suas contradições, paradoxos e tensões. Ele peregrinou pelas estradas como prova do desejo divino em tornar-se um de nós. A encarnação do Filho de Deus não se deu em qualquer contexto aleatório, mas ele encarna o homem, o palestino, o judeu, o pobre. Ele não veio como mulher grega, devota de Afrodite, ou um membro da elite de Alexandria. Vale lembrar o significado dessas distinções.

Se Cristo veio como homem e não feminino, como ele pode redimir a mulher de sua condição marginalizada? O fato de ele ter encarnado em um palestino exclui os outros povos e culturas do Reino de Deus? O judaísmo em que Jesus estava inserido não seria um tremendo obstáculo para qualquer diálogo entre as religiões? O Jesus pobre não impede a identificação dos ricos com sua mensagem?

Primeiramente, o fato de Jesus vir como ser masculino em uma antiga sociedade patriarcal não exclui a mulher. Sabemos que era necessário o divino fazer-se humano em um homem, pois de outra forma uma mulher daqueles tempos não receberia nem a formação e nem a atenção para que sua mensagem ganhasse vulto. Paradoxalmente, foi necessário que, através da iniciativa de um homem, as mulheres recebessem posteriormente a possibilidade do caminho de superação de suas exclusões impostas pela sociedade patriarcal dominada por homens.

No entanto, sabemos que em cada época as demandas e conflitos sociais são específicos de seu tempo, assim como as formas como as leituras desses conflitos são construídas pelas relações sociais. Não cabe aqui discutir a questão e as limitações dos modernos feminismos, mas percebemos teologicamente, como bem apontou



Benedito Ferraro (2004), que a encarnação de Cristo pode ser lida sob a ótica de gênero sem se reduzir o alcance e o valor da salvação de Jesus Cristo para todas as pessoas.

Outro ponto interessante é o fato de Jesus ter vindo ao mundo na condição de palestino. A ligação com a terra e com uma determinada construção sociopolítica de identidades entra em questão. Especialmente a visão sobre a terra ('eretz Israel) é de capital importância na mensagem de Jesus. "A César o que é de César, a Deus o que é de Deus", parafraseando um texto do evangelho de Mateus (22,21). Essa frase pode sugerir três coisas basicamente, a partir do contexto histórico da Palestina sob o domínio dos romanos: primeiro, César não é Deus e Deus não é César. A criatura mortal jamais chegará a ser divina, embora o divino tenha se tornado participante de nossa vida e de nossa morte por meio de Cristo. Aqui temos a distinção radical entre criador e criatura, entre Deus e o humano. Cabe aos servos de Deus reconhecerem-No como único Senhor, e não a criatura.

Por conseguinte, desdobra-se uma segunda afirmação: César só está onde está, porque o soberano criador assim o quis, pois pelo contrário não seria assim. Existe um soberano absoluto, o único absoluto que é Deus, e as realidades que não são Deus e não têm parte com seu propósito podem ser relativizadas e transformadas, subvertidas e transgredidas em suas pretensões ilusórias, inclusive o reinado de César.

Por fim, temos uma terceira afirmação fundamental e dessa podemos deduzir a questão específica da terra: Os povos subjugados têm uma dívida imposta por César, mas todas as criaturas antes são convocadas a oferecer algo a Deus, inclusive César. A questão mais polêmica é a seguinte: O que César deve a Deus? Se toda a terra pertence somente a Deus (Salmo 24,1), por que César cobra impostos sobre algo que não lhe pertence? César tem o dever de devolver a Deus o que só Ele pertence: "Restituir a Deus o que é de Deus significa devolver-lhe uma humanidade que não só traz a sua imagem indelével, mas também que se fez semelhante a ele: a restituição dessa humanidade semelhante é o caminho da humanização!" (BIANCHI, recurso eletrônico).

A mensagem em questão propõe aos contemporâneos de Jesus uma reflexão sobre as políticas em torno da terra, mas, sem dúvida, sugere-se também que, muito antes das discussões sobre o direito divino de governar, ou da discussão sobre a legitimidade da propriedade privada, nenhum imperador tirano e déspota, nenhuma ideologia ou instituição política, nem mesmo sob alegação religiosa, tem o direito ou autorização de dominar em absoluto sobre aquilo que pertence exclusivamente a Deus, e, conforme a teologia bíblica da criação, toda a terra é para ser recebida como dom e para ser partilhada por todos, em resposta ao chamado divino do cuidado da casa



comum. Nesse sentido, o Reino pregado por Jesus pode ser visto como uma grande construção coletiva.

O Jesus judeu exerceu o judaísmo de forma radical, não se guiando estreitamente pela literalidade da lei de Moisés, ou pelas teologias oficiais dos rabinos, mas como alguém mais próximo do povo, uma espécie de teologia popular. Quando Jesus relativiza (coloca em horizonte relacional) a linguagem do templo (“construirei em três dias”), do shabat (“o filho do homem é senhor do shabat”), ou do Levítico (“o que entra pela boca do homem não o contamina...”), ele teve a clara intenção de interpretar a palavra de Deus e a religião com base na prática de serviço e como atitude visionária. Em consequência, no caso exemplar do debate sobre o shabat, o historiador Geza Vermés (1996) compreendeu claramente que o senhor do shabat é a humanidade como um todo, não somente Jesus. Isso o orientou a perceber e anunciar o criador como aquele que se apresenta como o pai de todas as pessoas, modificando com isso a própria interpretação religiosa oficial, ao recolocar Deus como único autêntico absoluto. Com isso, Deus é enunciado como Abbà (pai), experiência que se mostra como sinal básico do Reino/ Senhorio de Deus, como enfatiza García Rubio (1994).

A fé-entrega à vontade de Deus é sinal de entendimento da paternidade divina, garantindo a inserção pessoal no seu reinado de misericórdia e paz. Jesus, embora representasse uma determinada religião bem localizada no cenário multicultural de seu tempo, compreendeu seu próprio judaísmo como uma representação ao mesmo tempo limitada e privilegiada, de realidades bem mais amplas com respeito à formulação de uma radical maneira de relação entre as pessoas, a partir da experiência dos menos favorecidos, pobres, mulheres, crianças, doentes, estrangeiros, os publicanos, pecadores em geral.

Na parábola do bom samaritano relatada por Lucas (10,25-37), o ato de compaixão não pergunta pela condição religiosa, sexual, de gênero, socioeconômica ou cultural daquele que foi abandonado meio morto pelo “caminho” (v. 31). Sinal de que os religiosos (judeus) deixavam seus próprios irmãos perecerem em nome das obrigações religiosas. Diferentemente, os apóstolos Pedro e João descumpriram sua “obrigação” judaica de orar às três da tarde no templo pontualmente, ao interromperem seu trajeto para curar um homem que não podia andar (Atos 3,1-16). Sinal de que a vida tem valor incomparável, que não pode ser diminuído pelas leis religiosas. Estas só fazem sentido se estiverem a serviço da vida e de sua conservação.

Por fim, ao imaginarmos a encarnação de Cristo na pessoa de um pobre em meio a um povo periférico e pobre, fica claro quem são os primeiros interlocutores do evangelho do Reino. A primeira bem-aventurança no sermão do monte é direcionada



aos pobres: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lucas 6,20). Jesus convidou ao seu seguimento não apenas pessoas socioeconomicamente pobres, mas também pessoas como Nicodemos, José de Arimateia e o “jovem rico” de Marcos 10. O Cristo chama ao seguimento pessoas de diversas classes e grupos sociais, mas percebe a atitude dos pobres, fez a experiência com eles a partir de dentro de sua realidade de sofrimentos e injustiças atravessadas desde o avesso da história. O chamado aos pobres não é, no entanto, exclusivista, mas inclusivo e atento à urgência de necessidades básicas, por exemplo, comida e moradia. Por isso mesmo, eles são os primeiros na fila de prioridade do Reino do Pai, não por serem melhores, privilegiados, ou acima da média. Mas pelo fato de precisarem mais, e para ontem.

ESPIRITUALIDADE DO SEGUIMENTO

Espiritualidade é condição de vida cristã, também é para ser compreendida a partir do seguimento de Jesus. Desde o exemplo do mestre camponês da Galileia, o ser autêntico é para a abertura irrestrita e sem reservas ao reinado de Deus vivido como único e permanente, garantindo a graça e a salvação integral, para além de uma concepção unilateral de livramento do inferno, da temida ira divina. Espiritualidade é a desafiadora articulação da fé no cotidiano e no comum, colocando a mitologia em seu devido lugar, o maravilhoso lugar da mitologia no imaginário criador e re-criador de sentido. O mito cria pela recreação imaginativa, e imagina criando e recriando significados mais ousados e vívidos para cada experiência humana. A espiritualidade de cada pessoa é feita também pela capacidade de experimentar, de imaginar, de ser criativa, mas caminhando sempre com os próprios pés em movimento constante e caminhante no chão sujo empoeirado em condições não raramente indesejáveis.

Podemos, então, ter uma clara percepção do que seria de fato ser espiritual? Ao contrário do que se pensa em muitas Igrejas e comunidades religiosas, ser espiritual, em nosso ver, não pode ser apenas um mero jargão ou alguma coisa sem relação com a vivência concreta das pessoas. A espiritualidade cristã é percebida (embora não usemos medi-la) em cada momento em que a vida nos impõe condições de face a face com os outros; em cada desafiadora divergência entre nós; em situações em que se espera nada menos do que humanidade, humildade e compaixão. O desafio permanente das comunidades de fé em Jesus Cristo consiste em colocarem-se sempre “a caminho”, como discípulas e discípulos com um Mestre e amigo a seguirem destemidamente. Como pôr a mão no arado e não olhar para trás.

A espiritualidade a partir de Cristo apresenta-se não como filosofia de vida apenas, ou como redução em paradigmas éticos e comportamentais, ou mesmo uma



futurologia barata que se arrisca em dar palpites sobre quem estaria salvo ou perdido. A base das especulações nesse sentido gira muito mais em torno de requisitos como a pertença religiosa ou o status social e econômico. A espiritualidade do Cristo, ao contrário, sugere como ponto de partida a própria vida e a justiça aliada à misericórdia. Trata-se desta vida frágil, desmerecida, incompreendida, complexa, difícil, e ao mesmo tempo linda, sonhadora, inquieta e transfigurável nas relações que percorre.

DISCERNIMENTO: O ESPÍRITO DAS RELAÇÕES

É fácil e tentador esquecer-se do outro em sociedades neoliberais e pós-industriais. Nelas, o individualismo irresponsável torna-se prisão, capitalização e instrumentalização dos relacionamentos, em vista do lucro e da vitória competitiva, combativa, polarizadora. A modernidade tardia “não pode se definir senão como vínculo e a tensão entre racionalização e a subjetivação” (TOURAINÉ, 2012, p. 332). Como se não bastasse, nesse contexto, há o endividamento financeiro, também há os endividamentos simbólicos, passionais e afetivos. Individualismo e coletivismo diluem-se reciprocamente. Segundo Maffesoli (2014), a coletividade mais criativa numa sociedade pós-moderna é reduzida à atividade das tribos urbanas, guetos anônimos que buscam se afirmar com premissas antropológicas cada vez mais exóticas.

Observamos, com o sociólogo Richard Sennett (2008), o quanto as novas flexibilizações do mundo capitalista do trabalho podem ser seriamente comprometedoras e capazes de produzir uma “corrosão do caráter”. É possível ser “espiritual” quando se toma consciência dessas condições limitantes da vida? A experiência cristã reproduzirá a indiferença? A espiritualidade que propomos é uma espiritualidade também de renúncia e de denúncia mediante os quadros sociais que desfiguram e violentam a dignidade das pessoas. Renunciar a si próprio para dar voz e vez a tantos outros que precisam gritar sua dor. Denunciar de forma clara, produtiva e cooperativa o porquê do amordaçamento dos vulneráveis, o porquê dos saques e roubos aos que já são tão empobrecidos e endividados em todos os sentidos. E assim, abertamente oferecer esperança e dádivas aos que se sentem condenados a ficarem presos em suas dívidas e dúvidas.

Se por um lado, as relações trabalhistas parecem ser mais “justas” por meio das “negociações” entre patrão e empregado, por outro lado, elas se tornam e se revelam cada vez mais perversas na medida em que o empregador é quem começa e quem termina o diálogo, tendo determinados capitais concentrados em suas mãos. Assim, o chefe é quem, no fim das contas, irá determinar as condições e a forma de conduzir a situação, até mesmo quanto aos direitos dos trabalhadores (hora extra, férias,



13º salário, etc.). Caso a pessoa empregada não concorde e não aceite os termos estabelecidos na “negociação”, seu emprego pode ficar ameaçado.

Ao contrário, quando essas relações são reconfiguradas em amor-respeito e em consideração da dignidade humana, não em função do lucro pelo lucro, mas por mais justiça na distribuição de condições de emprego e de renda, teríamos uma espiritualidade real em construção, para além das caixinhas do puramente subjetivo e do discurso, e nossa experiência religiosa e social seria de fato o religare entre as pessoas, sem o qual não há religare com Deus. Quando o chamado patrão, por mera vaidade, demite um(a) funcionário(a) que se esforça pela empresa; quando um chefe, para maximizar seus lucros e ganhos, rescinde o contrato do(a) empregado(a) sem justa causa, há toda uma rede de questões em jogo, e acima de tudo há vidas em jogo, como em um tabuleiro de xadrez.

Utilizamos o exemplo das relações trabalhistas para demonstrar que o termo espiritualidade reflete não apenas o teor de práticas litúrgicas em uma Igreja ou de um contexto religioso sacro-institucional, mas está contido nas diversas possibilidades de relacionamento humano. A expressão da espiritualidade de alguém se insere para além das práticas rituais (embora também as inclua), com alcance inclusive para os indivíduos que não têm pertença religiosa especificada. Na realidade, o número das espiritualidades no mundo é o mesmo número de pessoas na Terra. Cada criatura é singular e constrói sua espiritualidade no mundo face aos outros, coletivamente.

A espiritualidade cristã não é de uma ordem qualquer, não se confunde com a religião cristã institucionalizada, e nem com a fé confessada, embora todos esses aspectos estejam mais ou menos articulados em cada existência pessoal concreta. A espiritualidade é cristã na medida em que reflete o ser e a vida de Jesus Cristo, imersa na dinâmica do Espírito Santo. Os valores centrais como o amor, a compaixão, a bondade, o ser solidário, a esperança ativa por um mundo mais justo, o perdão, a empatia, a gentileza, a sinceridade, entre tantas práticas, concebem nosso caráter e o torna espiritual, cada pessoa a seu tempo e com suas singularidades.

Sem dualismo, sem monismo, ou qualquer outro subterfúgio que venha distorcer a real articulação entre as complexas categorias do que é humano, a espiritualidade cristã é um ser-a-serviço, é um amor-serviço e uma existência laureada de gratidão pelo dom da vida, sem que se fechem os olhos à in-justiça, in-tolerância e in-gratidão da humanidade. De acordo com essa impressão, o Espírito que habita a Igreja a impele sem cessar às exigências éticas do Evangelho, como memória, profecia, testemunho e pastoralidade no tempo presente. O Cristo é presentificado na Igreja por meio de Seu Espírito, que nos habita “lutando com gemidos inexprimíveis por



transformar toda “involução” que só é superada pelo poder do outro, o allon, desejo do Pai e do Filho na mais singela correspondência”, como apontaram Albuquerque e Cortés (2012, p. 5).

Para a fé cristã, ser espiritual é um modo de ser, não importando tanto os elementos técnicos e estritamente teológicos, estratégicos ou políticos da religião, embora não exclua nenhum desses elementos dualistamente. É o modo de ser, aperfeiçoado pelo Espírito, é o ser sem se estar aprisionado ao ter e ao fazer, apesar de que todos esses verbos coexistem em nosso dia a dia. Espiritualidade cristã é a fé no cotidiano e o cotidiano na fé; o cotidiano da fé e a fé do cotidiano, como a árvore que extrai da terra e do céu a confluência de energias necessárias para sua sobrevivência, resistência e conexão com o eterno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Bruno da Silveira. Espírito, criação e liturgia. Breve anotação à luz de um relato bíblico. In: Doxia, Serra, v. 4, n. 6, p. 12-23, Jan.-Jun. 2019.

ALBUQUERQUE, Bruno da Silveira; CORTÉS, Robert John Millar. Espírito Santo: Caminho da liberdade. Elementos de Pneumatologia da libertação em Basílio, Gutiérrez, Boff e Codina. In: Pós-Escrito, nº 6, set./dez, Rio de Janeiro, 2012, p.3-20.

BARCLAY, William. As obras da carne e o fruto do Espírito. São Paulo: Vida Nova, 1985.

BIANCHI, Enzo. "Devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Disponível em:
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/572838-devolvam-a-cesar-o-que-e-de-cesar-e-a-deus-o-que-e-de-deus/> acesso em 29/Ago/2024, 01h:01min.

CHOURAQUI, André. A Bíblia. Louvores I (Salmos). Rio de Janeiro: Imago, 1997.

CODINA, Víctor. Não extingais o Espírito (1Ts 5,19). Iniciação à pneumatologia. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição pastoral Gaudium et Spes. Sobre a Igreja no mundo de hoje. Disponível in:



http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em 27/Ago/2024, 00h:10min.

ELLACURÍA, Ignacio. Verbete “Espiritualidade”: Teologia fundamental. In: SAMANES, Cassiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, José-Juan (Dir.). Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999, p. 240-245.

FERRARO, Benedito. Encarnação: Questão de gênero? São Paulo: Paulus, 2004.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MENEZES, Jonathan. Humanos, graças a Deus! Em busca de uma espiritualidade encarnada. São Paulo: Recriar, 2018.

MIRANDA, Mario de França. Libertados para a práxis da justiça. São Paulo: Loyola, 1991.

MOLTMANN, Jürgen. O caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

ROSA, Wanderley. O dualismo na teologia cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

RUBIO, Alfonso García. O encontro com Jesus Cristo vivo. Um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 1994.

RUBIO, Alfonso García. Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2001.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TOURAINÉ, Alain. Crítica da modernidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

VERMÉS, Geza. Jesus e o mundo do judaísmo. São Paulo: Loyola, 1996.

ZIZIOULAS, Ioannis. A criação como eucaristia. Proposta teológica ao problema da ecologia. São Paulo: Mundo e Missão, 2001.



FVC

FACULDADE VITÓRIA EM CRISTO

FORMANDO LÍDERES PARA IMPACTAR O MUNDO

Credenciada pela Portaria 971 de 01/12/2021

Rua André Rocha, 890 - Taquara - Jacarepaguá - Rio de Janeiro/RJ
faculdadevitoriaemcristo.org / Tel.: 21 99186-6170
CNPJ: 32.492.049/0001-03

FACULDADEVITORIAEMCRISTO.EDU.BR

21 99186-6170 21 98214-0881

